

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman (Orgs.)
O TEMPO E O VENTO:
história, invenção e metamorfose
Literatura Brasileira/Grandes Obras n.º 1
2004, 208p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 3320.3523

Grande Sertão: algumas reflexões acerca do narrar de Riobaldo

Gláucia de Souza
PUCRS

Le lecteur est une créature fictive, un rôle dans lequel nous pouvons entrer pour nous regarder nous-mêmes (Kayser, 1977, p. 68).

O senhor pense, o senhor acbe. O senhor ponha enredo (Rosa, 1958, p. 292).

Grande sertão: veredas (Rosa, 1958) é uma narrativa contada por Riobaldo e tem como narratário um ouvido letrado e estudado a quem o narrador se dirige reiteradamente ao longo de seu relato. O tom de narração de Riobaldo, conhecido por Tatarana e, posteriormente, por Urutu Branco, assume uma feição confessional.

Em seu texto "*Qui raconte le roman?*", Wolfgang Kayser (1977) destaca que, tanto o narrador quanto o leitor, são elementos indissolivelmente correlatos no universo poético do romance. Aquele a quem se dirige o narrador é um princípio constitutivo do estilo romanesco. É importante quem está do outro lado da narrativa em virtude de que essa posição "exotópica" situa o narrador em seu contexto histórico-social. Percebe-se um Riobaldo pleno em oralidade, morador do sertão, imerso em suas crenças, velho, justamente porque esse se dá a conhecer àquele que é o seu diferente, a um Outro-letrado, urbano, conhecedor do mundo das idéias, mais moço: "Inveja a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes", diz Riobaldo (p.96).*

* As citações feitas somente através do número da página são de ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

Como sujeito dessa introspecção-confissão, Riobaldo precisa de um Outro-ouvinte e dele exige um ato resposta, quer rejeitando, quer acatando seus conflitos. Acerca do sujeito da introspecção-confissão, Bakhtin ressalta:

O sujeito da introspecção-confissão situa-se à minha frente no acontecimento existencial, ocupado na realização do seu ato, um ato que não implica, de minha parte, uma reprodução (mimética) ou uma contemplação artística, e sim uma reação-resposta correspondente (do mesmo modo que uma petição que me é dirigida não implica que eu a reproduza – que eu a vivencie, que a imite, nem que lhe perceba o aspecto artístico-, mas implica que eu reaja com um ato-resposta: eu a acatarei ou a rejeitarei (...). (Bakhtin, 2000, p. 163)

Dessa forma, faz parte do tecido narrativo memorialístico-ficcional a cumplicidade entre o narrador e quem o lê/ouve. Tal cumplicidade reside no conhecimento de algo que é revelado pelo narrador. Estabelece-se, assim, um pacto narrativo em que tanto narrador quanto narratário são papéis a serem exercidos. (Kayser, 1977, p. 68). Cabe ao leitor acatar ou não esse papel. Ainda segundo Bakhtin,

Diante de mim, tenho um sujeito situado no interior do contexto do acontecimento existencial que nos engloba a ambos, e meu ato-resposta não deve isolá-lo no acontecimento; o futuro por-vir do acontecimento nos liga um ao outro e determina nossa correlação (estamos um em frente do outro neste mundo). (Bakhtin, 2000, p. 163)

O narrar de Riobaldo está diante de mim. Em virtude disso, passo, então, eu**, homem soberano, circunspecto, ladino e de instruída sensatez, a encher minha caderneta com a forma de narrar de Riobaldo, com as escolhas que faz dos acontecimentos narrados e com o modo como utiliza a memória em seu contar.

Narrar, tecer. O fio da memória confunde-se com o fio da vida. Riobaldo me enreda em suas tramas de história. A mim, “com

** “O senhor é um homem soberano, circunspecto” (p. 571) “(...) é história que instrui vida do senhor algum? O senhor enche uma caderneta” (p. 560) “O senhor é um homem muito ladino, de instruída sensatez” (p. 461). “Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutorização” (p. 15). “E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe, pois é não?” (p. 39).

toda a leitura e suma doutorização”. (p.15) A linha, mesmo que reta, não tece em ponto liso. O tempo da memória é linha em novelo e faz parte do enredo o nó. Separo três dos nós da trama de Riobaldo: a transformação em jagunço, o amor por Diadorim, o pacto com o demo. Tatarana é o oral que, em sua velhice, fala para o meu mundo escrito: “Desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais dos lados! Resvalo. Assim é que a velhice faz”, diz Riobaldo (p. 138).

A narrativa, em suas origens, está na experiência que passa de pessoa para pessoa. No mundo moderno, a experiência pouco importa, por isso, a narrativa de tradição oral perde importância e, com ela, os narradores. Em *Grande Sertão*, Riobaldo resgata o oral através de sua fala e de seu tom memorialista.

Riobaldo tem a arte de narrar. Benjamin destaca dois grupos, primeiros na arte de narrar: os camponeses sedentários, mas conhecedores da tradição, e os marinheiros comerciantes. Ambos conservam o necessário distanciamento espacial e/ou temporal para uma boa narrativa. Riobaldo me conta sobre seu primeiro nó: a jagunçagem. Jagunço não tem lugar: “Jagunço é o sertão” (p. 294). Riobaldo-jagunço reúne experiência de histórias para narrar. É viajante em sua mocidade, mesmo que narre a partir do lugar de sua velhice, assentada nas terras que herdou de seu pai/padrinho Selorico Mendes, quando se torna narrador camponês sedentário. Ser jagunço é cruzar espaços, estar incerto. Sobre ser viajante, conta-me Riobaldo:

O senhor sabe o que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isso é assim, desde o raiar da aurora, o sertão tonteia (p. 298).

A experiência de sertão que Riobaldo tem e sua prática na jagunçagem conferem-lhe autoridade para o narrar: “Ave, já vi de tudo nesse mundo! Já vi até cavalo com soluço...” (p. 15) Junto com a viagem que traça pelo sertão, Tatarana parte rumo ao seu próprio inferno. Velho, sabedor da morte de Diadorim, revê sua vida e suas dúvidas. Riobaldo-velho, narrador de *Grande sertão: veredas*, põe em questionamento Riobaldo-jagunço: “A verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para aquilo, de ser sempre jagunço não gostava.” (p. 65) “Ao que, naquele tempo, eu não sabia pensar com poder – por isso matava”. (p.327) Ele revê sua transformação em jagunço, após fugir da fazenda de Selorico Mendes, a deserção do grupo de

Zé Bebelo, a transformação em chefe Urutu Branco, o pacto que acha ter feito com o demo, o amor por Diadorim. Narra com a intenção de resgatar os fatos que lhe foram significativos para entender e para justificar, frente a mim e a si mesmo, tais momentos de sua vida. Narra, também, para viver o que não viveu:

A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num min minuto, já está empurrado noutra galho. (p. 62)

Tudo isto, para o senhor, meussenhor não faz razão, nem adianta. Mas eu estou repetindo miudamente, vivendo o que me faltava. Tão mixas coisas. Morreu a lua. Mas eu sou do sentido e reperdido. Sou do deslembado. Como vago vou. E muitos fatos miúdos aconteceram. (p. 499)

O contar é tarefa de repetição - muitas são as frases que se repetem na fala de Riobaldo: "Viver é perigoso", "O diabo no meio do redemunho"... - e também de paciência. Tinha paciência a mulher que tecia o fio, Penélope esperando Ulisses com seu manto interminável; tinha paciência o marítimo que viajava, Ulisses vivendo anos longe de sua Ítaca, visitando o inferno também... (Homero, 1996) Riobaldo tece a sua viagem para meus ouvidos letrados. Eu, Penélope; ele, Ulisses. É preciso ter olhos de ouvir Riobaldo. Olhos de paciência para seguir a trama urdida na fala, seguir passo-a-passo cada momento doído, num pacto de confiança que com ele estabeleceço:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (p. 95) (...) Eu sei que isto que eu estou dizendo é dificultoso, muito enraçado. Mas o senhor vai avante. (p. 96) (...) Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quanto bem não me entender, me espere. (p.138) (...) Com o senhor me ouvindo, eu deponho. Conto. (p.146)

Outros narradores, excelentes por seu distanciamento: as mulheres e os velhos. As mulheres estavam na casa, fiando tecendo, faziam de suas narrações ofício de "alma, olho e mão" (Bosi, 1994,

p.90). Mãos cheias, pensamento livre para tecer para os da casa os relatos de memória.

Já os velhos, por serem considerados improdutivos numa sociedade capitalista, fazem do preconceito que sofrem a liberdade de poder lembrar. Liberdade esta que, de acordo com Bosi (1994, 63), torna-se obrigação social, já que ao homem adulto não lhe é permitido lembrar. Para esse, a memória é algo distinto da vida prática. É sonho, fuga, arte, lazer, contemplação... O velho, por estar no fim da vida, acha na memória a sua eternidade. Por isso há o ritual de busca do tempo, criado como atmosfera narrativa. Riobaldo, em sua velhice, quer tornar presente o segundo nó que recolho de seu tecido narrativo: Diadorim. Diz ele: "Deamor, deamo... relembro Diadorim. Minha mulher que não me ouça. Moço: toda saudade é uma espécie de velhice". (p. 40) A saudade faz Riobaldo narrar, reviver Diadorim, envelhecer, fazer presente a impossibilidade.

E, sabiamente, ele me revela aos poucos o segredo de Diadorim para que eu me veja, como ele, em sua doída surpresa de amor:

Mas a voz dele era tanto - tanto para o embebo do meu corpo. (p. 50) Sofisimei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco. (p. 60) Tem horas que eu penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas e as coisas, não são de verdade! E de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós todos, as nossas almas já vendemos? Bobéia, minha. E como é que havia de ser possível? Hem? (p.81) Ele me sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo. (p.133)) E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado de ser - e tudo num homem-d'armas, brabo bem jagunço - eu não entendia. (p. 137) Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe. (p.150) Diadorim tomou conta de mim. (p.184) Digo, porque até hoje tenho isso tudo do momento riscado em mim, como a mente vigia atrás dos olhos. Por que, meu senhor? Lhe ensino: porque eu logo tinha negado, renegado Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrando. (p. 185) O Reinaldo era Diadorim - mas Diadorim era um sentimento meu. (p. 295) De Diadorim eu devia de conservar um nojo. De mim ou dele? (p.299) Não escrevo, não falo! - para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo! Diadorim... (p.563) Diadorim, moça perfeita. (p. 563)

O tempo da memória de Riobaldo detém-se mais nos momentos em que conviveu com Diadorim e com os demais jagunços. Sobre sua infância, ele pouco relata. Ela é um eco da canção de Siruiz e de seu encontro com Reinaldo menino, quando Riobaldo foi pagar no porto uma promessa feita por sua mãe. O tempo do relato de Riobaldo é o do coração. E, em tempo de coração, tudo cabe em turbilhão de entranhas, sem muitas datas. É o sempre, tormento de Prometeu: “Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ontem amanhã: é sempre”. p. 134). O tempo de seu relato é o da viagem ao seu próprio inferno:

O senhor sabe? Não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar demear de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumorzinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. (p.168) Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e Campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe. (p.179) Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de se fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora acho que nem são. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (p. 175)

Passo, assim, ao terceiro nó que pincei com minha agulha do tecido de Riobaldo: o pacto com o demo. Riobaldo inicia sua história por casos em que a figura do demônio está presente: o bezerro que nasceu com cara de cão e riso de pessoa (p. 9); Aleixo que, após matar um homem, viu seus filhos ficarem cegos (p. 13-14); Pindo e sua mulher, cujo filho pequeno tinha instinto assassino (p. 14-15)... Desde o início de seu contar, Riobaldo questiona-se sobre a existência do demônio, “Aquele-que-não-há”. Essa designação sintetiza sua dúvida. Se o demo não existe, pode ser chamado como “Aquele-que-não-há”. Por outro lado, a designação “Aquele-que-não-há” indicia uma certa crença na existência do diabo, na medida em que se refere a ele sem o nomear, como ocorre nas situações em que, na cultura popular, evita-se falar o nome daquilo que não se quer atrair para perto de si.

Já nas primeiras páginas de *Grande sertão: veredas*, Riobaldo traz uma reflexão sobre os atos humanos, sobre o bem e o mal: “Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito,

pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar”. (p. 18) A partir dessa reflexão, ele questiona-se acerca de como eram por dentro Seu Joãozinho Bem-Bem, Joca Ramiro, Zé Bebelo, Sô Candelário, Titão Passos, Antônio Dó, Andalécio e Ricardão. Apenas um “nasceu formado tigre” (p. 18) e teve sua imagem vinculada à figura do demônio: Hermógenes. Ao lado dele, desde o início, Riobaldo coloca a si mesmo para buscar semelhanças entre ambos e alívio para sua incerteza em relação a ter ou não sido pactário: “Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o ‘Urutu Branco’? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino...” (p. 18)

Riobaldo questiona-se, através de sua confissão, acerca da existência entre bem e mal, Deus e Diabo. Se “nome não dá, nome recebe” (p. 150), passemos, então, a pensar sobre os dois nomes de Riobaldo ao longo da narrativa: Tatarana e Urutu Branco. Tatarana é uma variação de taturana, lagarta de fogo, ser urticante que provoca queimaduras leves; já urutu é uma espécie de ofídio muito venenoso. Em ambas as alcunhas está presente a figura do demônio: o elemento fogo, provocado pela sensação de queimadura do lagarto; a própria serpente, associada em muitas mitologias, como a judaica, à figura do mal, da tentação. Riobaldo passa a ser chamado de Urutu Branco após se tornar chefe do bando, em virtude de uma certa mudança de comportamento, obtida através de seu suposto pacto com o demônio. De lagarto a cobra, ele ganha em força de ação: “-Mas, você é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutu branco”, diz Zé Bebelo, ao reconhecer a liderança em Riobaldo. (p.413) Nele se acentua, assim, o inferno da dúvida sobre ter sido ou não pactário:

Digo ao senhor; tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar que o “Que-Diga” existe. (p. 296) Então não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então a alma a gente vende, só, é sem nenhum comprador (p. 457).

Não só as alcunhas de Riobaldo sugerem a figura do demônio. Isso também ocorre com os nomes de Diadorim e Hermógenes. Ao

descrever a cena em que aquela entra em combate com esse, Riobaldo profere uma frase várias vezes repetida ao longo da narrativa e que, inclusive, é o subtítulo do livro: “O diabo no meio do redemunho”.

Hermógenes, descrito como figura de Satanás por Riobaldo, traz sonoramente em seu nome a figura do deus Hermes, entre cujas funções estava a de conduzir a alma dos defuntos aos infernos, a de ser arauto da morte. Hermes, filho de Zeus, também era mensageiro dos deuses infernais, Hades e Perséfone. Hermógenes, mensageiro da morte, traz em seu nome também a origem (-genes, do grego génesis). Ele é morte (de Joca Ramiro, de Diadorim), mas também início, pois com ele desencadeiam-se a fúria de vingança de Diadorim e a vontade de liderança de Riobaldo. Hermógenes, gênese do mal. Aquele que transforma Tatarana em Urutu Branco.

“O diabo na rua, no meio do redemunho” (p.559). Frente a Hermógenes, Diadorim. Diá, como lhe chamou Tatarana, um dos nomes que também recebe o demônio. Diadorim, demônio da dúvida em Riobaldo. Pode ser do demo um amor de um guerreiro por outro guerreiro? “E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!... Essas coisas se acreditam. O demônio na rua, no meio do redemunho...” (p.151). O nome Diadorim, corruptela de Deodorina, um de seus nomes de Batismo, traz consigo o estigma de quem passa através da dor (dia-, prefixo grego que indica movimento através, e dor, Diadorim). Seu nome assemelha-se também ao de Diana, deusa virgem, exímia no arco e na flecha, vingativa e impetuosa, correlata à grega Ártemis, protetora das amazonas. Em sua forma original, Deodorina, traz a partícula Deo, que nos remete a Deus. Diadorim: Deus e Diabo na vida de Riobaldo.

Por ocasião da morte da moça, Riobaldo vê o demônio em busca de sua paga. Não é sua alma que é dada ao demo em troca de coragem, mas Diadorim que é tirada de perto dele pelas mãos de Hermógenes, homem do diabo, homem do sertão:

Eu não estava caçando a morte – o senhor bem me entenda. Eu queria era a coragem. (p. 554) O que vendo, vi Diadorim – movimento dele. Querer mil gritar, e não pude, desmim de mim – mesmo me tonteava, numas ânsias. E tinha o inferno daquela rua, para encurralar comprido... Tiraram a minha voz. (p.558) Ter medo nenhum. Não tive! Não tivesse e tudo se desmanchava delicado para distante de mim, pelo meu vencer; ilha em águas claras... conheci. Enchi minha história. Até que, nisso, alguém se riu de mim, como

que escutei. O que era um riso escondido tão exato em mim, como o meu mesmo, abafado. Donde desconfie. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era idéia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar, nome, dar a cita... Satanão! Sujo!... e dele disse somentes – S... – Sertão... Sertão... (p.556).

Diadorim e Hermógenes são, assim, duas faces do Sertão, pois neles cabem céu e inferno, Deus e Diabo, vida e morte, mocidade e velhice de Riobaldo.

Termino apenas três dos tantos nós que Riobaldo me presenteou pelos ouvidos. Apenas três. Tão poucos em sua fala trançada em macramé.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HOMERO. *Odisséia*. 4. ed. São Paulo: Ediouro, 1997.
- KAYSER, Wolfgang. “Qui raconte le roman”. In: BARTHES, Roland. *Poétique du récit*. Paris: Seuil, 1977.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.